

Retábulo, uma trama de viagens no espaço e no tempo

Dra. Patricia Peterle¹ (UNESP/CILBELC)

RESUMO: *Viagem e mais viagens. As ações de partir, chegar, explorar e, ao mesmo tempo, explorar-se são características dos personagens perfilados pelo escritor italiano Vincenzo Consolo. Em suas obras, romances e peças de teatro, a presença da viagem é um elemento constante, alimentado pelo sentimento de curiosidade pelo outro e pela vontade de conhecimento. Deslocamentos que na sua maioria (entre)cruzam a ilha natal do escritor, a Sicília. Retabulo (1987) é uma viagem no tempo, no espaço e na história, mas também na natureza e na cultura. O século é o XVIII e o espaço aquele siciliano. Uma excursão e incursão pelas riquezas que a ilha oferece, imagens e fragmentos de imagens alinhados e costurados com os finos e delicados fios da língua italiana e do dialeto siciliano, formando uma grande trama cultural. Viagens que caracterizam a escrita consoliana e também servem ao autor como instrumentos para uma reflexão de aspectos da sociedade contemporânea.*

PALAVRAS-CHAVE: literatura italiana, viagem, Vincenzo Consolo, Sicília

1. Viagem e mais viagens

O exercício de explorar é um dos traços distintivos da geografia literária de Vincenzo Consolo. Um escritor inquieto que tende à retomada de aspectos do passado e da história como estratégias para debater questões relativas à atualidade. É, nesta perspectiva, que a viagem geográfica e/ou simbólica passa a ser um tema recorrente, tornando-se, até, um dos mecanismos de escrita consolianos.

A viagem, ou o mito da viagem, é um dos grandes fulcros para onde confluem muitas das reflexões sobre a vida feitas pela cultura ocidental. Pode-se pensar na literatura épica permeada de heróis que, apesar das surpresas e desventuras encontradas pelo caminho, conseguem completar a clássica tríade: partida-peripécia-retorno. O Ulisses de Homero, paradigma máximo, parte e retorna a sua Ítaca. Enéas, em Eneida, parte de Tróia para fundar uma “nova Tróia”. Todavia, o viajante que retorna ao ponto inicial de partida não é o mesmo. A viagem pela sua própria natureza propicia e estimula a exploração, o conhecimento do outro e, ainda, de si mesmo; o defrontar-se com novas experiências e com o diferente é também um explorar-se a si próprio. Numa das primeiras viagens literárias da cultura italiana, aquela iniciada pela *selva oscura*, o Dante poeta retoma o herói-personagem de Homero e o Dante personagem o encontra. Na *Commedia*, Ulisses não tem o seu retorno final na terra natal. O afeto pelo filho, o amor pelo pai e o sentimento por Penélope não são suficientes para reter a “fome” pelo novo e pelo conhecimento. O Ulisses dantesco não apresenta nenhum desejo de completar a tríade; a última etapa, o retorno, é substituída por futuras peripécias. No Canto XXVI do *Inferno*, de fato, o guerreiro grego afirma ter atravessado o mediterrâneo, para além das legendárias colunas de Hércules, navegado por mais de cinco meses e, finalmente, avistado uma enorme montanha – *quando n'apparve una montagna bruna*. É na tentativa de aproximar-se dessa exuberante paisagem que Ulisses e seus companheiros sofrem um naufrágio fatal, impedindo-os de chegar até a montanha e de, possivelmente, rever Ítaca. Tanto o Ulisses homérico quanto aquele dantesco encarnam aspectos inerentes ao viajante e podem ser considerados dois arquétipos que acompanham e atravessam tanto as escritas da literatura de viagem quanto aquelas da viagem na literatura.

Toda narração é uma narração de viagens. Seguindo esta afirmação de Michel de Certeau, pode-se dizer que o narrar é fruto do viajar, mas não só no sentido do deslocamento. A viagem pode ser física, como foi a de Ulisses, e, ainda, alegórica e metafórica; ou, ademais, partir de um ponto A para chegar a um ponto B, origem e destino demarcados geograficamente, podem ser apenas o início de uma longa trajetória paralela e introspectiva. Toda viagem, seja ela física ou não, estabelece confrontos entre interior e exterior, o **aqui** e o **lá**. Embates e dicotomias que se perfilam diante do

encontro com o outro e se concretizam a partir dos processos de entendimento, interpretação e questionamento. Sem dúvida, a questão da alteridade, o face a face com aquilo que é diverso, é um dos momentos mais altos dessa literatura que possui em seu histórico cartas, registros, diários, anotações esparsas de dados relativos à própria trajetória e deslocamento, bem como as impressões e sugestões pessoais.

A viagem pelo território da península itálica sempre existiu desde a Idade Média, cujo percurso, de característica religiosa, tinha como meta Roma: a cidade santa e os seus *mirabilia urbis*. Na idade moderna, às razões religiosas somam-se outras, como a ânsia pelo conhecimento, pela história e pela arte e o desejo de descoberta e conquista, que irão diferenciar o peregrino medieval do viajante, navegador e conquistador, no século XVI. De fato, já no século XVII podem ser encontrados os famosos *travel books*. É na busca pelo conhecimento de outras culturas e do outro que a península passa a fazer parte dos destinos do que se chamou mais tarde de *Grand Tour*, isto é, a viagem de formação de jovens nobres e aristocráticos. Nesta espécie de rito de iniciação, o jovem é “colocado” temporariamente “fora” da sua comunidade, para depois retornar com outros conhecimentos e, sobretudo, enriquecido a partir do encontro com o outro. Até o século XVIII as etapas italianas passam obrigatoriamente por Milão, Veneza, Florença, Roma e Nápoles, sendo esta última o ponto mais extremo do *mezzogiorno*, com as visitas também por causa das escavações arqueológicas de Pompéia e Herculano.

Por muito tempo, a viagem à Itália foi uma viagem *ad limina*, como se diz para aquela viagem que bispos devem fazer a cada quatro anos, até à *soleira* inaugural e sagrada da fé católica. Para o exército de escritores, artistas plásticos, músicos, arquitetos com falta de referências e de heranças, mas também para todo jovem de boas origens, da Europa e do Novo Mundo, um verdadeiro rito de passagem para a idade adulta, uma espécie de batismo, de comunhão solene, de confirmação ou de ordenação cultural, uma liturgia sacramental. (BERTHIER, 2003, p.192)

Uma viagem que fez parte do processo de formação. Experiências e descobertas que levaram e estimularam o registro das aventuras e desventuras da viagem por meio da escritura de diários e cartas. Diferentes qualidades e texturas de papéis e objetos para escrever e desenhar são itens obrigatórios para a partida; instrumentos, estes, necessários para que o ato de registrar o que é visto, vivido e experienciado, por meio da palavra e do desenho, seja concretizado. Stendhal é um exemplo emblemático da ligação de muitos artistas com a Itália. Em *A vida de Henry Brulard* fica claro que o conhecer-se só se dá por meio do deambular pelas paisagens romanas; o adentrar no passado da História corresponde a outra travessia, aquela introspectiva e pessoal.

Desde as suas origens, a literatura de viagem é um gênero híbrido por transitar em outras áreas de conhecimento como a etnografia, a geografia, as ciências sociais, além de outros campos; um gênero que abraça e acolhe, generosamente, variadas escritas e estilos. O italianista Luigi Monga, estudioso desse gênero, prefere utilizar o adjetivo italiano *odeporica*¹, vocábulo de origem grega que significa relativo à viagem, composto por *odós*, via, e *poréia*, viagem. *Hodeporicon*, a forma latina, já pode ser encontrada no epistolário de San Girolamo. O uso intenso desse adjetivo na literatura italiana talvez se deva às inúmeras publicações, guias, reportagens, ficções relativas à viagem. Podem ser lembradas as obras de Guido Piovene, *Viaggio in Italia*, uma tentativa de relato fiel e quase fotográfico da Itália dos anos cinquenta; de Enzo Biagi, uma espécie de “enciclopédia” geográfica escrita nos anos setenta; de Guido Ceronetti, com *Viaggio in Italia*, fruto de uma viagem realizada entre 1981 e 1983, que fixa o olhar nas grandes e pequenas cidades, identificando as conseqüências da modernidade. Neste elenco podem ser, ainda, inseridos livros com outras características, mas que não deixam de falar de viagem como os do jornalista Beppe Servegnini, que em um deles registra uma experiência por toda a costa italiana, partindo de Muggia (Friuli Venezia Giulia)

¹ A discussão proposta por Luigi Monga está no texto *L'Odeporica/Hodeporics: on Travel Literature*.

e chegando a Ventimiglia (Ligúria). A multiplicidade de textos, estilos e tons convergem para o forte desejo de narrar e relatar as novas percepções e descobertas, exteriores e interiores.

Escrever a Itália, apagar tudo, reescrever, virgem, nova, nem exatamente a mesma nem exatamente outra, refazê-la e refazer-se na juventude sempre diferente e imprevisível de um olhar novo sobre tantas lembranças. E para nós a Italia, tecida com inúmeras Itálias passadas, presentes e futuras, deixadas pela soma de todos os viajantes. (BERTHIER, 2003, p.215)

A experiência do viajar, do colocar-se em risco diante de aventuras fascinantes e perigosas, se concretiza também por meio do experimento da escritura. É neste sentido que a geografia italiana é um espaço que propicia as múltiplas viagens reais e imaginárias.

2. A complexa trama do deambular pelos fios de uma viagem metafórica

Um dos primeiros trabalhos de Vincenzo Consolo foi como professor de escolas perdidas nas áreas mais longínquas do espaço siciliano. Um deslocamento físico contínuo que lhe proporcionou a exploração e o conhecimento daquele mundo aparentemente “perdido e escondido”; uma realidade que, de certa forma, já tinha sido representada por outros escritores sicilianos, como Elio Vittorini e Giovanni Verga. Em uma de suas entrevistas, Consolo declara a vontade de conhecer esse outro lado da Sicília e ter decidido seguir a carreira de escritor para poder representá-lo. De fato, desde a publicação de *La ferita dell'aprile* (1963), apresenta-se como um escritor consciente das temáticas que deseja tratar: é de seu interesse o mundo histórico-social e não lhe interessam os problemas pessoais ou os perfis psicológicos. O mundo que o jovem professor desvendava, indo de uma escola para outra, e os problemas sociais identificados nesses lugarejos e em outras zonas já conhecidas atraíam o seu olhar atento e inquieto. É, nesta perspectiva, que Consolo retoma a viagem e faz dela um tema central em seus textos. Tal temática pode ser vista sob alguns aspectos: a viagem realizada por seus personagens; a viagem na História, a partir da retomada de acontecimentos e fatos históricos; a viagem pelas travessias e percursos na cultura que delineiam o mapeamento literário siciliano.

Em relação ao primeiro aspecto, seus personagens tendem sempre a uma viagem, seja esta exterior e física ou interior e introspectiva, como a figura do protagonista de *Lunaria* (1985), um vice-rei que sai em busca da lua; o barão de Mandralisca em *Il sorriso dell'ignoto marinaio* (1976), que parte de Lipari e desembarca em Cefalù; o eu-narrante de *L'olivo e l'olivastro* (1994), que empreende uma viagem de reconhecimento da Sicília; o personagem de Gioachino Martinez em *Lo spasimo di Palermo* (1998), que retorna à ilha, uma espécie de Ítaca; o pintor Fabrizio Clerici, personagem protagonista de *Retábulo* (1987), que sai da Lombardia, Milão, para conhecer e retratar, por meio da escrita e de desenhos as suas impressões sobre a Sicília.

A viagem na História, o segundo item, é uma constante na trajetória de Consolo. Já nas páginas iniciais da primeira publicação, *La ferita dell'aprile*, o leitor se dá conta de todo o aparato histórico marcado pelo clima político e social do pós-guerra e as primeiras eleições na Sicília em 1947. Os textos publicados posteriormente, de uma forma ou de outra, mantêm relações com acontecimentos específicos, como a chegada de Garibaldi na Sicília em 1860, ou a recriação de atmosferas passadistas como acontece em *Retábulo*. A composição e a apresentação dos elementos históricos na escritura ficcional deste autor não fazem parte do acaso, seguindo o que o próprio Consolo define como uma *scrittura sperimentale e espressiva* tais elementos, que podem caracterizar o que é definido por romance histórico, são uma estratégia para discutir e debater as questões e as contingências do momento presente. Nesse sentido, o romance histórico é um romance metafórico, como afirma o próprio autor. Nele fala-se do passado para iluminar, tornar mais visível, aquilo que está aparentemente desfocado no presente. A escritura, assim, apresenta-se como um dever, aliás um dever civil, que se traduz e se concretiza numa *scrittura d'intervento*, como define o próprio Consolo. Por seus posi-

cionamentos e escolhas, alguns críticos chamaram o romance *Il sorriso del'ignoto marinaio* de “anti-Gatopardo”; sem dúvida, a sua concepção é bem divergente do determinismo de Lampedusa. As experiências pessoais vividas por Vincezo Consolo, enquanto indivíduo e cidadão, servem como chave de leitura da realidade e do período histórico nos quais se inscreve.

O terceiro e último aspecto concerne a geografia literária do autor. Uma geografia que não pode deixar de lado as origens do escritor: a Sicília. É, realmente, do território siciliano que se originam traços delineadores das travessias desse espaço literário, marcado por Giovanni Verga, Luigi Pirandello, Elio Vittorini, Leonardo Sciascia. Todavia, a geografia literária consoliana não se limita às fronteiras insulares, Carlo Levi, Cesare Pavese, Eugenio Montale, Carlo Emilio Gadda, Pier Paolo Pasolini, e outros, como T.S. Eliot, fazem parte do percurso da sua formação e compõem o espaço polifônico por onde se move Vincenzo Consolo.

Retábulo é um texto para onde confluem todas essas questões relativas às várias viagens possíveis na literatura e da literatura. O título, no original *Retablo*, porém, aponta para a arte pictórica. De fato, a palavra de origem espanhola, indica um conjunto de três painéis, um central e dois laterais, que podem ser acompanhados de uma base única. Toda a riqueza visual dessas obras, difundidas mais particularmente na Espanha e em Portugal, e a complexidade de sua estrutura podem à primeira vista esconder mensagens e significados. É deste modo que Consolo convida o leitor a adentrar e penetrar na leitura desse romance, que também é, por outro verso, uma expedição pela parte mais leste e ocidental da Sicília.

O título, a princípio um vocábulo pertencente ao campo semântico e figurativo das artes, se apresenta para o leitor atento como uma primeira chave de leitura; isto porque, o tríptico não se limita a introduzir o romance, mas faz parte da própria estrutura do texto que, por sua vez, pode ser considerada como uma pequena, porém profunda, viagem paralela e questionadora dos esquemas narrativos tradicionais. A estrutura de *Retábulo*, portanto, é composta por uma parte central narrada pelo personagem Fabrizio Clerici, intitulada *Peregrinação*, pela voz de Isidoro que dá os contornos da suposta primeira lateral, *Oratório*, e pela voz de Rosalia, que configura a segunda lateral, *Confissão*. Um texto polifônico, cujo caráter palimpséstico já se deixa entrever e é, mais tarde, confirmado pelas folhas já escritas e reutilizadas e pelo coro formado pelas vozes narrantes que se entrelaçam, uma sobreposta à outra.

Fabrizio Clerici, personagem da vida real e cultural italiana da primeira metade do século XX, pintor surrealista e apreciador da ciência arqueológica, é transformado por Consolo em personagem de ficção. A moldura do retábulo retorna, também, na superposição dos dois planos cronológicos: o século XX e o século XVIII. Fazendo do livro o laboratório de experimentos narrativos por excelência do escritor, Consolo, neste retorno ao passado, sem contudo esquecer do momento presente, questiona e, por meio dos personagens da ficção, sai em busca de valores perdidos ou quase perdidos, como o amor. O amor pela terra natal, pelo próximo e entre homem e mulher. Uma busca que é tramada e tecida com os fios mais profundos da memória. A parte central, narrada, pelo pintor transportado para o século XVIII, é um diário, ou melhor, um jornal de viagem, dedicado à amada Teresa Blasco, para que ela possa conhecer melhor e satisfazer as suas curiosidades a respeito da longínqua terra materna.

No modo mais prazeroso e adequado, conforme o seu modesto engenho lhe permitir, na esperança de que possais, ao lê-lo, viver junto com ele o breve tempo da viagem a esta ilha longínqua, nesta antiga terra dos deuses, das artes, das conquistas e de desastrosos vestígios. Por vós, apenas por vós terá este que vos escreve essa lida, e não cogita divulgá-la em impressão, desejando que permaneça um brinde singular e, ainda, que não venha a ser esmagado sob a avalanche de livros e de livrescos sem alma, sentido, garbo ou razão que hoje em dia invadem bibliotecas, ateliês e lojas de livreros, espalhando-se pelo mundo, como lamenta o nosso Muratori. (CONSOLO, 2002, p. 34)

Um jornal de viagem que representa “um brinde singular” entre o amante trovador e sua amada inatingível. Um relato único que não deve se perder ou ser mais um entre os milhares livros de uma biblioteca. Clerici, ao final da dedicatória e da descrição dos objetivos dessa escritura, dá a primeira pista da época para a qual foi transposto. Ao dizer “o nosso Muratori”, o narrador se coloca junto com seus destinatários, ao lado de Ludovico Muratori, um dos intelectuais e pensadores italianos mais ativos tanto no plano religioso quanto naquele civil do século XVIII. A esta primeira pista juntam-se outras, como a da própria amada Teresa Blasco, a do ciclo de conhecidos deixado em Milão, formado por Cesare Beccaria e os irmãos Verri e, ainda, a dos instrumentos de tortura avistados durante o desembarque em Palermo. A imagem inicial desse *Petit Tour*, que dá início às aventuras e desventuras da exploração da ilha, é justamente a paisagem do golfo de Palermo, vista do *packet-boat Aurora*. Uma visão marcada pela infinitude da luminosidade do sol e da linha do horizonte, mas que, aos poucos, consegue estabelecer o foco. A lente começa a captar sinais da cidade, “quase sonhada e toda mistério”, que calmamente com o mover o barco se aproxima. O olhar do pintor, proveniente da Lombardia, é atraído por pequenos particulares como cúpulas matronais, terraços com jarros, colunas e monumentos; depois é envolvido pela robustez das fortalezas e castelos ao longe; e, só então, se deixa levar e seduzir pelo “manto verde mais profundo”, pela visão mais geral e idílica, quase empírea, daquela cidade que nasce a partir da cadeia de altas colinas, como o Monte Pellegrino. Imagem paradigmática da Sicília, representada por Goethe em seu *Grand Tour*, na passagem pela ilha descrita no *Italienische Reise*² (1816/17), e já recuperada pelo próprio Consolo em *Lunaria*.

Todavia, a viagem pitoresca empreendida por Clerici não se refaz só ao protótipo da viagem de Goethe, que declara não ser possível descrever com palavras a beleza do golfo de Palermo. O *tour* pela Sicília, desde o final do século XVIII, tem muitos adeptos e passa a ser divulgado pelos diversos registros feitos, dentre os quais *Antichità siciliane* (1751) de padre Pancrazi e *Remarks on several parts of Europe relating chiefly to their Antiquities and History* (1738) de John Breval. Não é possível esquecer a visita, em 1778, de Dominique Vivant-Denon que acompanhou uma equipe de artistas ao então chamado Reino das Duas Sicílias. Esta e outras expedições deram origem aos volumes da *Voyage pittoresque*, cujo primeiro tomo é publicado em 1781. A Sicília, assim, no curso do século das Luzes, transforma-se de território longínquo a espaço a ser explorado, onde a natureza, o mito, o pitoresco, o sentido do caos, o sentimento do sublime e o emaranhado das civilizações se amalgamam. O gosto pelos percursos historiográficos é, ademais, comprovado pelos diferentes percursos realizados por Agrigento, Selinunte, Segesta e outras localidades que abrigam resquícios da antiguidade e de povos que ali viveram ou passaram. Caminhos, estes, que também serão traçados pelo pintor milanês e seu fiel companheiro Isidoro.

Clerici chega em terras sicilianas com o objetivo de conhecer, explorar e retratar, por meio da escrita e de desenhos, símbolos e aspectos que caracterizam aquela geografia híbrida. Uma viagem que pode lembrar aquela realizada por Jean Houël, entre 1776 e 1779, que tinha o intuito de elaborar um repertório de imagens capazes de traduzir “aquele novo mundo”. O resultado da peregrinação do artista francês foi a reunião de impressões de aspectos da antiguidade, fenômenos da natureza, hábitos e costumes nos volumes de *Voyage pittoresque des iles de Sicile, de Malte e de Lipari*, editados a partir de 1782. Esse perfil do pintor de costumes, reconstruído pelo prosador siciliano, traz à memória um personagem da literatura: o pintor da vida moderna de Baudelaire. Neste texto publicado em 1863, Baudelaire ao tratar de G., o desenhista e aquarelista Constantin Guys, busca captar o “imenso dicionário” da vida moderna e alguns dos verbetes encontrados são também adequados ao comportamento do pintor consoliano.

É nos arredores de Selinunte, por onde passaram os Élimos, Fenícios e Sicanos, no meio de ruínas, que muitas vezes passam despercebidas, com a lembrança de Homero, como se tivesse sido

² Falando do *Grand-Tour* de Goethe é importante lembrar a sua declaração após duas semanas em solo siciliano: *hier isti der Schlüssel zu allem*, ou seja “sem a Sicília não é possível fazer uma idéia da Itália: aqui está a chave de tudo”

transferido para outro plano, que o explorador milanês percebe os ínfimos detalhes da paisagem e se demonstra um apaixonado pela vida universal e pelo amor. A vida, emaranhado de muitas existências, é uma complexa trama por onde o indivíduo tenta mover-se, com altos e baixos, alegrias e sofrimentos, cujos passos são, freqüentemente, ditados pela paixão e pelo amor. Ao falar deste sentimento e de suas conseqüências, Consolo cita alguns poetas célebres nesta arte como Boiardo, Ariosto e Shakespeare. É, de fato, este sentimento que leva o pintor a viajar, o frade Isidoro a trair as normas do Convento por Rosalia e esta última a não ceder ao amante rico. O mundo de *Retábulo*, na sucessão de seus quadros figurados, diante de antigas civilizações é constituído de reflexões antropológicas e meditações existenciais, recorrendo quase sempre a questionamentos sobre a vida, sobre o amor.

E aqui tremo, amedronto-me, pois me parece tocar o cerne da metáfora, e aqui como nunca me parece ver a vida, compreendê-la e amá-la, amar esta terra como se fosse minha, a minha terra, a terra de todos os homens, de amar-vos, e desesperadamente... Vós ou a vida? Ou a mim mesmo que vivo? Como é ambíguo, como é incompreensível este molesto impulso, este sentir intenso a que chamamos amor! (CONSOLO, 2002, p.99)

Tal reflexão sobre a vida leva a uma outra sobre a viagem, que também é descrita e deixada na trama narrativa para o leitor. O discorrer sobre a viagem, poucas páginas mais adiante, reafirma a complexidade do viver e esta, a viagem, pode ser concebida como um dos inúmeros frutos da vida. A viagem entendida aqui não se restringe ao deslocamento físico, é também, e sobretudo, aquela interior e introspectiva. Em sentido mais amplo, ela proporciona a seu realizador o defrontar-se com o outro, o descobrir ecos de uma alteridade até então latente e oculta. Ver e enxergar o outro é uma tarefa de alto risco, pois significa, ao mesmo tempo, conhecer a si próprio. E, ainda por cima, depende da vontade consciente do indivíduo. A viagem em *Retábulo* é geográfica, Clerici parte de Milão e chega em Palermo, na Sicília, onde irá conseguir um guia, Isidoro, e iniciar realmente as suas travessias. Os seus passos pela ilha podem ser facilmente demarcados e tracejados com a ajuda de um mapa e de um lápis. Provavelmente, como Vittorini no inacabado *Le città del mondo* (1969) e a partir da experiência anterior com Cefalù, em *Il sorriso dell'ignoto marinaio*, Consolo em seu retábulo teve o auxílio de um detalhado mapa para acompanhar as pegadas de seu personagem andari-lho numa grande orquestração topográfica. Clerici e Isidoro percorrem o extremo leste da Ilha, partindo de Palermo passam por Monreale, Borgetto, Alcamo, Fiume Caldo, Vita, Salemi, Campobello di Marzara, Selinunte. Depois, na qualidade de viajantes exploradores, pegam uma carona, desembarcam na ilha Mozia, após um dia de viagem marítima, passam por Trapani, Pizzolungo, Cabo de San Vito e, finalmente, regressam a Palermo.



A linha verde evidencia o percurso de F. Clerici em *Retábulo*.

Perfazer esta trajetória, caracterizada por zonas de grandes riquezas arqueológicas e históricas e entremeada de sinais de aparente esquecimento e flagelo, que metaforizam o momento presente, é a forma encontrada pelo escritor italiano para mais uma vez retornar à sua terra natal; e lembrar da

fertilidade e abundância, mas também chamar a atenção para alguns problemas críticos do mundo contemporâneo. A passagem pela primeira aldeia, depois da deliciosa e instigante visão do golfo de Palermo, mantém e estimula a motivação pela aventura do conhecimento da ilha. Monreale, muito próxima a Palermo, é famosa por sua Catedral, maior herança da arquitetura normana com influências árabes e bizantinas. Todavia, não é só por isso que Monreale é uma das etapas iniciais; as oliveiras, amendoeiras e laranjeiras também confirmam os tesouros dessa zona. Não se deve esquecer que as laranjas são consideradas o símbolo da Sicília, já utilizadas em romances anteriores como o de Elio Vittorini, *Conversazione in Sicilia* (1941), na caracterização da terra e dos personagens. A alegria e a intensidade das cores presentes nos frutos e nos diferentes artesanatos locais (azul, amarelo, vermelho e verde) não conseguem impedir que Clerici identifique e reflita sobre algumas oposições que fazem parte das realidades exploradas.

A primeira parada no território governado por Soldano³, por exemplo, expõe os viajantes à contradição cruel entre riqueza e pobreza em seus diferentes níveis. Este e outros registros, captados pela lente ocular do personagem, como as antiguidades, restos púnicos ou fenícios, encontradas na ilha de Mozila, que estão abandonadas no meio da areia e são tratadas como objetos sem nenhum valor, até como lixo, não podem ser anulados e ficam ausentes no diário. Clerici pede desculpas à sua amada, mas afirma não ter o direito de lhe esconder o que presencia e observa. As palavras de Clerici a Teresa podem ser as palavras de Consolo ao leitor, no intuito de que este fique atento e seja um observador daquilo que ocorre à sua volta. Esta, de fato, é para o prosador italiano uma das funções do escritor. Ele escreve por dever, como já declarou em várias oportunidades. Um dever civil, quando sente a necessidade de narrar algo do passado que possa representar por meio de metáforas o presente. Este sentimento, sem dúvida, está relacionado com a história social da Sicília, que levou muitos outros a questionarem-se e tentarem buscar uma explicação por meio da própria escritura ou de outra atividade artística. A tradição literária siciliana deixou de ter depois dos tempos da corte de Frederico II uma forte tradição de poetas. Desde Verga, passando por Pirandello, Brancati, Vittorini e Sciascia, há um extenso *travaglio* que confirma esta experiência contínua de entendimento de uma realidade culturalmente complexa como é aquela siciliana. A Sicília tornou-se, essencialmente, uma ilha de narradores, que usam e abusam do romance e das formas narrativas para concretizarem tais processos e tentativas de compreensão e interpretação.

Retábulo é uma dessas tentativas e não foi nem a primeira e nem a última de Vincenzo Consolo. Como em outros textos, em *Il sorriso dell'ignoto marinaio*, a narrativa, que recupera as revoltas camponesas na época de Garibaldi, também se apresenta ao leitor fragmentada e entrelaçada com trechos em terceira pessoa, a voz do eu-narrador e documentos anexados. Neste quadro, *Lunaria* talvez seja uma máxima produzida dentro do laboratório de experimentações, sendo um conto de fadas teatral, em forma dialógica, sem as partes tradicionais das narrações diegéticas. Às meditações sobre a vida são acompanhadas das meditações sobre a literatura. Se as primeiras se concretizam na retomada do passado, nas travessias e no olhar de Clerici, as segundas estão presentes desde a capa, a partir do título. Consolo apresenta a seu leitor uma outra viagem reflexiva, aquela da escritura, que se concretiza na narrativa com as folhas perdidas, usadas e reusadas pelo pintor e pelas vozes narrantes que se entrelaçam e contam e recontam histórias parecidas. Esta viagem deve-se ao estado do romance burguês, que numa sociedade dita pós-industrial e num contexto literário dito pós-moderno e, até, global⁴, encontra-se numa efetiva crise. Tal crise, segundo Consolo, é ainda maior pelo esquecimento da memória, das raízes lingüísticas que fazem com que o escritor não saiba ao certo qual é o seu referente e seu leitor.

Transitórias, fugidias imagens reafioram das líquidas poças, palavras truncadas, átonas, ecos de vastas e desertas escadarias incompreensível, de balastradas, de está-

³ Para um detalhamento maior dessa questão ver o texto "A Sicília no tríptico de Vincenzo Consolo", IN: *Ficção e História: leituras de romances contemporâneos*.

⁴ Para esta definição ver: CALABRESE, Stefano. *www.letteratura.global*. Torino: Einaudi, 2005.

tuas mutiladas, precípites, de perseguições e fugas e jorros de metais é [...] noturno é o mundo, ou de uma luz translúcida que ofusca e consome. (CONSOLO, 2002, p.105)

Esta afirmação se conecta com um outro lado da escritura consoliana que é aquela lingüística. A “invenção lingüística” em *Retábulo*, realmente, não passa despercebida. A manipulação da língua italiana culta do século XVIII, reproduzida no diário de Clerici, se mistura com as variedades do dialeto siciliano encontradas ao longo na caminhada pela ilha. É uma evocação que visa a comunicação, atingindo uma preciosa e particular prosa poética, que dissemina endecassílabos e rimas desde as primeiras páginas. Os lugares subterrâneos e desconhecidos explorados correspondem à pesquisa feita pelo autor de vocábulos que provêm de línguas antigas, o grego, o latim, o árabe, que fazem parte da formação cultural siciliana. Certamente, as influências lingüísticas perpassam mais uma vez por Verga, mas também por Gadda e Pasolini, que definiu essa busca como uma “desesperada vitalidade”.

Retábulo se apresenta, portanto, como uma viagem metafórica e polifônica pelos múltiplos significados do próprio ato de viajar: como afirma Magris, “*Ogni viaggio si gioca tra la sosta e la fuga*”⁵ (MAGRIS, 1997, p.73). Uma travessia pela literatura que faz lembrar em alguns momentos a figura de Sherazade e não deixa de recuperar o tópos da viagem a dois, Dom Quixote e Sancho Pança, Fabrizio Clerici e Isidoro. Além disso, como todo personagem que se refaz a Ulisses, Clerici também terá de lidar com a problemática do *nóstos*. A dúvida quando retorna a Palermo existe: regressar à sua Ítaca milanesa ou continuar a exploração da ilha? Um percurso que passa por sendas quase esquecidas como o amor, a memória, a vida e por vielas despercebidas como os diferentes tipos de “fome”, o passado abandonado e a generosidade perdida. Uma caminhada realizada sim na terra natal do escritor, mas que fala de aspectos prevalentemente universais. Se *navigare necesse*, como disse o general romano Pompeu e séculos mais tarde Fernando Pessoa, Consolo reafirma no século XXI esta necessidade inerente ao indivíduo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade: o pintor da modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BERTHIER, Philippe. “A viagem à Itália”. IN: BRICOUT, Bernadette (Org.). **O olhar de Orfeu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CONSOLO, Vincenzo. **Retábulo**. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Berlendis & Vertecchia Editores, 2002.

MAGRIS, Claudio. **Danubio**. Milano: Garzanti, 1997.

PETERLE, Patricia. “A Sicília no tríptico de Vincenzo Consolo”. IN: CARLOS, Ana Maria; ESTEVES, Antonio Roberto (Orgs.). **Ficção e História: leituras de romances contemporâneos**. Assis: FCL-Assis-UNESP-Publicações, 2007.

⁵ “Toda viagem está entre a parada e a fuga” (Tradução nossa)

¹ Patricia PETERLE, Professora Doutora de Língua e Literatura italiana. (UNESP-Assis, Departamento de Letras Modernas e pesquisadora do Centro Ítalo-Luso-Brasileiro de Estudos Lingüísticos e Culturais - CILBELC)
patriciapeterle@terra.com.br

